

# Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana

QUEIRUGA, Andrés Torres.  
São Paulo: Paulinas, 2010.

Me. Sergio Alejandro Ribaric\*

Andrés Torres Queiruga, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e em filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, é sem dúvidas, um dos principais teólogos europeus da atualidade.

Sua obra, *Repensar a Revelação: a revelação divina na realização humana*, é uma “reedição atualizada”, nas palavras do próprio autor, da edição original surgida há mais de vinte e dois anos atrás, sobre a compreensão e vivência da revelação, foco central e decisivo de toda a teologia. A Revelação divina, na realização humana, é uma tentativa na busca de uma nova compreensão da situação da teologia e do seu reflexo na vivência espontânea e ordinária da fé. O subtítulo, *a revelação divina na realização humana*, inédito nesta edição, já induz a intenção do autor de que o repensar não é um rompimento do pensar teológico, mas sim um recuperar a mesma experiência de Deus com a linguagem do nosso tempo, reinterpretando algumas questões essenciais. Queiruga apresenta o processo da revelação na história bíblica, clarificando que esta literatura não trata de um livro ditado por Deus, pois se o fosse, possuiria inúmeras contradições lógicas.

O livro contém os seguintes capítulos: A concepção tradicional da Revelação; a concepção tradicional em questão; apresentação atual do problema;



---

\* Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP

a Revelação como maiêutica histórica; a Revelação em seu acontecer originário; a Revelação cristã como plenitude escatológica; a universalidade da Revelação cristã; a universalidade no encontro; a Revelação na Escritura e na tradição da Igreja e um epílogo: intuições de base e ideias fundamentais.

A ideia central é clara, incisiva, atravessando todo o livro de maneira extremamente coerente. O mais importante do livro é como ele conduz a sua ideia de Revelação ao longo de todo o texto. Abundante em citações e referências, com vasta bibliografia, o livro procura mostrar, como o subtítulo sugere, uma presença constante de Deus na Revelação e na realização do homem, corrigindo o engano do intervencionismo milagroso ou, pelo lado oposto, de um silêncio ou ocultamento de Deus. A linha de pensamento do autor segue claramente o já delineado em outras obras suas: reverter numa linha antropológica, uma antiga concepção de criação e Revelação por parte de um Deus interessado em sua glória e não na vida e plenificação do ser humano. Deus se revela sempre, o quanto é possível, em todas as partes e a todas as pessoas e culturas, na generosidade livre e irrestrita de um amor sempre em ato, que quer dar-se na sua plenitude. Os limites na revelação efetiva nascem apenas da incapacidade e do pecado humanos, que freiam, deformam ou não reconhecem a manifestação divina. É a recepção humana que torna tão obscura e dramática a história da revelação, tanto nas religiões da humanidade como no caminho peculiar da Bíblia.

Queiruga apresenta a Revelação a partir da abordagem de que Deus não age fora e distante da criação, mas dentro dela, ou seja, de modo particular na subjetividade humana. A revelação, portanto, ocorre não de fora, mas sim a partir de dentro. Essa compreensão da revelação divina, ocorrendo desde a criação, é uma conclusão lógica se percebida através da criação por amor. Isso, para o autor, significa que Deus não precisa de um milagre, desequilibrando a justa autonomia do mundo para que possa anunciar-se em sua imanência. Como amor infinito, Deus está sempre se revelando em todas as partes o quanto lhe é possível: os limites da revelação não estão em Deus, mas no ser humano que, pela inerente limitação de criatura fica impedido de captar a manifestação pura de Deus.

Queiruga usa a categoria socrática "*maiêutica*", mostrando o sentido da revelação em uma perspectiva dialética entre a manifestação máxima de Deus e essa limitada capacidade humana. A maiêutica socrática aponta para o conhecimento de algo que está presente naquele que busca conhecer,

bastando este, com ajuda de alguém ou de algo exterior, “dar à luz” a verdade que já existe dentro de si. A categoria maiêutica, para Queiruga, designa a revelação, pois através da palavra externa de alguém é que ressoam nos demais, a descoberta da realidade em que estão colocados, “nascendo” a consciência da nova realidade que estava ali por fazer sentir sua presença. O qualificativo “histórico” no livro é acrescentado à maiêutica para afirmar a presença nova e gratuita de Deus na revelação que, diferentemente do sentido socrático, não se produz como reminiscência ou mera repetição da “essência” grega, sob o recurso da memória, mas mediante uma presença sempre contínua e manifestante de Deus na história.

Partindo dessa compreensão da revelação, Queiruga considera a presença efetiva de Deus no centro de toda a realidade histórica dos homens. É lógico, portanto, considerar igualmente que a ideia de “eleição” do judeu ou do cristianismo por Deus, não consiste em privilegiar uns poucos para separar, mas trata-se de uma estratégia histórica do amor divino de chamar uns para chegar a todos, numa ideia já expressa em seu livro *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*.<sup>1</sup> De modo que, se Deus tem se revelado a todos, então todas as religiões são reveladas e, nessa mesma medida, verdadeiras. Diante dessa perspectiva, devemos repensar a inculturação e a realidade inter-religiosa. E o desafio que se apresenta ao leitor é o de repensar todos os grandes temas da teologia, ultrapassando fundamentalismos e tradicionalismos, e recuperar seu significado para a vida cristã.

---

<sup>1</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.